

Novos Olhares Acerca do Estresse Ocupacional: Uma Revisão Narrativa no Contexto do Covid-19

FÁBIO WILLIAM JOSÉ DE ASSIS

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES - MG

JEFFERSON RODRIGUES PEREIRA

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES - MG

MARINA DE ALMEIDA CRUZ

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES - MG

Novos Olhares Acerca do Estresse Ocupacional: Uma Revisão Narrativa no Contexto do Covid-19

Resumo

Tendo em vista a importância da temática de “estresse ocupacional” no campo de estudos organizacionais e de gestão de pessoas, o presente artigo analisará o estresse ocupacional por meio de uma revisão narrativa de estudos publicados acerca da temática no período de 2016 a 2021. Quanto aos aspectos metodológicos, optou-se pela abordagem descritiva, pois se buscou abordar as principais temáticas publicadas na literatura recente sobre “estresse ocupacional”. Para tal, foi utilizada a revisão narrativa da literatura de artigos disponibilizados nas bases de dados SPELL, SCIELO e SCOPUS considerando o período de 2016 a 2021. Os resultados obtidos demonstram que o campo de pesquisa sobre o tema pode ser considerado vasto e fértil para estudiosos da área, especialmente após as mudanças decorrentes nos diversos contextos de trabalho, setores e tipos de empresas em todo o mundo. Dessa forma, é possível afirmar que os modelos teóricos de estresse precisam ser repensados e atualizados em função do contexto da pandemia, tendo em vista que uma série de variáveis que não eram consideradas agora são visualizadas de forma acentuada.

Palavras-chave: Estresse Ocupacional. Covid-19. Saúde Mental. Estado da Arte. Pandemia.

1 Introdução

A pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, mais conhecido como COVID-19, tem causado diversos tipos de consequências, especialmente nos âmbitos sociais e econômicos, em todo o mundo (LESCURE *et al.*, 2020; WONG *et al.*, 2021; YU *et al.*, 2021; SANGAL *et al.*, 2021). Tendo em vista a gravidade e as repercussões psicossociais que essa doença pode gerar, a atenção à saúde mental tem sido abordada como um dos desafios para o seu enfrentamento (PAVANI *et al.*, 2020). Isso porque, entende-se que a população, de forma geral, quando exposta ao risco de contaminação pelo vírus e possibilidade de complicações decorrentes do adoecimento, pode experimentar situações de vulnerabilidade que potencializam o desenvolvimento de problemas de saúde mental (BROOKS *et al.*, 2020).

No cenário da pandemia, foram observadas mudanças significativas no que tange à realidade do trabalho. As organizações, sejam elas públicas ou privadas, tiveram que responder e se adaptar às exigências do momento, com adequações tais como redimensionamento e reorganização de recursos humanos e materiais, elaboração e implementação de protocolos para prevenção de contaminação, entre outros (LUZ *et al.*, 2020). Diante desse contexto foram evidenciadas situações que podem predispor ao adoecimento laboral (LUZ *et al.*, 2020). Entende-se que o adoecimento dos trabalhadores durante o desempenho de suas atividades pode ser decorrente de acidentes de trabalho, mas especialmente de desgastes físicos e psíquicos (CARVALHO; ARAÚJO; BERNARDES, 2016), como a síndrome de Burnout (MASLACH, 2009) e o estresse ocupacional (KARASEK, 1998).

O estresse ocupacional, foco deste estudo, é caracterizado como uma possível consequência do esforço de adaptação a uma nova situação laboral (COOPER, 2008). Se de um lado o estresse pode levar a dificuldades na capacidade de resposta do indivíduo, além de causar sintomas físicos, psicológicos e comportamentais (COUTO, 2014), por outro ele faz parte da vida dos indivíduos e tem a função de estimulá-los, contudo, em excesso, pode ser prejudicial à saúde (COOPER, 2008).

O estresse ocupacional, por sua vez, pode ser definido, de forma mais específica, como um processo pelo qual vivências e demandas psicológicas no local de trabalho produzem

alterações a curto e longo prazo na saúde física e mental do trabalhador (GANSTER; ROSEN, 2013). O indivíduo que vivencia tal situação geralmente se sente ameaçado e pressionado por situações como sobrecarga de trabalho, insegurança de manutenção do emprego, dificuldade nas relações interpessoais, assédio moral, diminuição da motivação para realizar suas atividades, da percepção da falta de lealdade entre colegas de trabalho, dentre outros aspectos (PAIVA, 2019). Todos esses fatores são considerados pela literatura acerca da temática como fontes estressoras no ambiente laboral (COOPER, 2005; 2008; COUTRO; VIEIRA; LIMA, 2007; FERREIRA *et al.*, 2018; FERREIRA; AZEVEDO; ROCHA, 2019). Suas manifestações mais comuns são percebidas por meio de sintomas como o nervosismo, irritabilidade, raiva, ansiedade, angústia e períodos de depressão (COUTRO; VIEIRA; LIMA, 2007; SILVA; SALLES, 2016).

Os agravos à saúde do trabalhador, como resposta ao estresse ocupacional crônico, quando não diagnosticado, acompanhado e tratado, podem ainda conduzir à Síndrome de Burnout (PAIVA, 2019). Tal síndrome é constituída por sintomas como acentuada exaustão emocional, julgamento negativo sobre si mesmo, baixa autoestima, depressão e indiferença frente aos relacionamentos e à própria vida pública (PAIVA; GOMES; HELEAL, 2015; VIEIRA; RUSSO, 2019; BIEHL *et al.*, 2021), sendo ela reconhecida como problema de saúde ao notoriamente impactar a qualidade de vida do indivíduo (LIPP 2003; SADIR; LIPP, 2009).

As consequências do estresse para as organizações estão ligadas ao excesso de atrasos e de faltas no trabalho, aumento de licenças médicas, alta rotatividade de pessoal, acidentes de trabalho, queda na produtividade, falta de criatividade nas ideias, dificuldades interpessoais nos relacionamentos, desempenho irregular, baixa satisfação, redução no comprometimento, e diminuição da intenção de permanecer na empresa (LIPP, 2005; WONG *et al.*, 2021). Todas essas consequências interferem direta ou indiretamente no desempenho dos trabalhadores e consequentemente nos resultados das organizações (ANDRADE; GUIMARÃES; ASSIS, 2010; FERREIRA *et al.*, 2018; VAN WINGERDEN, 2018).

Atrelado a esse contexto têm-se os processos de reestruturação pelos quais as organizações vêm passando nas últimas décadas, e fortemente acentuadas com a pandemia do Covid-19, com adoção de novas formas de trabalho e tecnologias para se adaptarem às exigências do mercado e da sociedade contemporânea, vêm ocasionando maiores exigências aos trabalhadores em relação desempenho nos processos e atividades laborais (COUTO; COUTO, 2020). Essa nova realidade vem elevando a pressão junto aos trabalhadores por resultados e, consequentemente, contribuindo para maximização das manifestações de estresse (COUTO; COUTO, 2020; DUARTE *et al.*, 2020; GOULARTE, *et al.*, 2020).

No ambiente acadêmico, estudos recentes ressaltam que este tema tem ganhado relevância e tem sido foco de publicações nas últimas décadas, dada a importância do bem estar dos trabalhadores na execução das atividades laborais (DUARTE *et al.*, 2020; SIMONELLI, 2020). Tal relevância tem sido ressaltada, ainda mais, no contexto da pandemia do Covid-19 (WONG *et al.*, 2021; YU *et al.*, 2021).

No atual cenário pandêmico fatores importantes que favorecem o aparecimento de situações geradoras de estresses tem sido frequentes e potencializados. Tais fatores podem estar relacionados à duração do período de isolamento e distanciamento social, frustração e tédio, acúmulo de tarefas, incluindo a realização de atividades normalmente realizadas fora de casa. Soma-se ainda a falta de suprimentos, informações inadequadas e dificuldades econômicas. Outros fatores são relacionados diretamente ao Covid-19, incluindo o medo de contrair a doença, preocupação com a própria saúde e de entes queridos, bem como estigma relacionados àqueles que contraíram a doença (BROOKS *et al.*, 2020; QIU *et al.*, 2020).

Nessa direção, estudos vêm demonstrando como a pandemia da Covid-19 pode impactar negativamente na manutenção da saúde mental da população (HUANG; ZHAO, 2020). Os principais resultados reportam que diante desse tempo de crise, os níveis de bem-estar

psicológico das pessoas têm diminuído em decorrência do aumento do estresse e dos sintomas depressivos (LI *et al.*, 2020; SANGAL *et al.*, 2021).

Esse cenário impôs ao trabalhador várias condições adversas em decorrência dos efeitos negativos causados pela pandemia na economia mundial. Tendo em vista a brusca redução da demanda por produtos e serviços de empresas de diversos setores (WONG *et al.*, 2021), reestruturações internas foram necessárias de modo a garantir a manutenção das atividades. Situações como redução nos benefícios e salários, mudanças nos turnos de trabalho ou cargos, sobrecarga da jornada de trabalho e sobreposição de tarefas, licença temporária, temor em relação à empregabilidade atual e futura, além de finalização do vínculo empregatício como demissão ou aposentadoria precoce, foram reportadas em pesquisas sobre o tema (QIU *et al.*, 2020; WONG *et al.*, 2021). Afirma-se que tais situações opressivas têm causado impactos na saúde mental dos trabalhadores (WONG *et al.*, 2021; SANGAL *et al.*, 2021).

Considerando o contexto previamente apresentado e a já ressaltada importância da temática de “estresse ocupacional” nos campos dos estudos organizacionais e gestão de pessoas, o presente artigo teve como objetivo analisar o estresse ocupacional por meio de uma revisão narrativa de estudos publicados acerca da temática no período de 2016 a 2021. Nesse sentido, de maneira específica buscou-se: (I) Identificar as abordagens de pesquisa já consolidadas sobre a temática de estresse ocupacional; (II) Analisar os principais achados de pesquisas realizadas durante o período da pandemia do Covid-19; (III) Discutir direcionamentos podem nortear o avanço da literatura em estudos futuros.

Quanto aos aspectos metodológicos, optou-se pela abordagem descritiva, pois se buscou abordar as principais temáticas publicadas na literatura recente sobre “estresse ocupacional”. Para tal, foi utilizada a revisão narrativa da literatura, estratégia de pesquisa considerada útil para descrever o estado da arte sobre determinado tema, tanto do ponto de vista teórico, quanto empírico e contextual (ROTHER, 2007). Foram analisados artigos disponibilizados nas bases de dados SPELL, SCIELO e SCOPUS. Foi realizada a busca por palavra-chave no título das publicações. Nas bases de dados nacionais foi utilizada a expressão “estresse ocupacional”, e na base de dados SCOPUS foram utilizados os termos “*work stress*” e “*occupation* stress*”. Foram considerados para este estudo aqueles publicados no período de 2016 a 2021.

O conteúdo do artigo foi organizado em quatro seções, após esta introdução. A primeira discorre sobre o estado da arte da produção acadêmica brasileira sobre estresse ocupacional. Na segunda são abordados os principais resultados dos estudos nacionais acerca do estresse ocupacional. A terceira seção apresenta algumas discussões acerca do estresse no período da pandemia do Covid-19. Por fim, na seção de considerações finais são apresentados os principais resultados da pesquisa bem como direcionamentos para pesquisas futuras.

2 O estado da arte da produção acadêmica brasileira sobre estresse ocupacional

A guisa de conceituação o estresse ocupacional é “amplamente compreendido como uma necessidade de adaptação ou ajustamento de um organismo frente às pressões que o ambiente impõe” (ZANELLI, 2010, p. 47). Desse modo dele pode ser visto como o resultante de situações das quais o indivíduo compreende seu ambiente de trabalho como sendo ameaçador, privando a realização das necessidades pessoais e profissionais, incluindo também a saúde mental e física. Dessa forma, a interação do indivíduo com o seu ambiente de trabalho torna-se prejudicial (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2005). Para os autores quanto maior as demandas desse ambiente, maiores serão as possibilidades do indivíduo não encontrar soluções ou recursos apropriados para enfrentá-las. Desse modo o estresse ocupacional estaria relacionado a um processo por meio do qual o indivíduo percebe e decodifica o ambiente de trabalho de acordo com sua capacidade de suportá-lo (RUIZ *et al.*, 2017).

A temática vem sendo há alguns anos representativamente estudada por diversas abordagens teórico-metodológicas no cenário brasileiro (ZILLE *et al.*, 2020). Assim, buscou-se analisar como a temática vem sendo desenvolvida e quais os principais resultados que esses estudos vêm trazendo, considerando publicações no período de janeiro de 2016 a março de 2021. A busca foi realizada em periódicos brasileiros listados nas bases de dados Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) com o termo “estresse ocupacional” no título das publicações. Foram encontrados 22 artigos, sendo 14 na base SPELL e 8 na base SciELO. Apresenta-se no Quadro 1 a síntese dos principais resultados dos artigos recuperados na base de dados SPELL.

Quadro 1 - Estudos acerca do estresse ocupacional encontrados na base de dados SPELL (2016 – 2021)

Autor (ano)	Periódico	Síntese dos resultados
Silva e Salles (2016)	Revista de Carreiras e Pessoas	Dificuldades em conciliar as exigências do trabalho e a vida particular, o que acarreta transtornos como o estresse e desmotivação no trabalho.
Pego, Zille e Soares (2016)	Revista Alcance	76,3 % das pessoas pesquisadas apresentaram nível de estresse que variou de leve/moderado a estresse muito intenso.
Ferreira <i>et al.</i> (2016)	Revista de Gestão em Sistemas de Saúde	Apontam como as principais causas de estresse a sobrecarga de trabalho, ineficiência da gestão de recursos humanos, condição laboral inadequada, trabalho em turno, o que resulta na Síndrome de <i>Burnout</i> , queixas psicossomáticas, comprometimento no trabalho podendo levar a erros médicos, intenção de mudança e absenteísmo.
Almeida <i>et al.</i> (2017)	Future Studies Research Journal: Trends and Strategies	A partir das relações inversamente proporcionais entre estresse e satisfação, estabeleceu-se uma associação entre as duas variáveis, considerando-se um impacto positivo da satisfação para a redução dos níveis de estresse.
Zille, Oliveira e Batista (2018)	Revista Gestão e Planejamento	A maioria dos gestores se consideram frequentemente estressados, na qual a natureza do trabalho vem contribuindo para este estado. Sintomas prevalentes foram ansiedade, nervosismo, angústia e insônia.
Gomes, Zille e Lima (2018)	Revista Gestão e Tecnologia	70,3% dos participantes do estudo apresentaram algum nível de estresse. Os sintomas prevalentes foram dor nos músculos do pescoço e ombros, ansiedade, dor de cabeça por tensão e fadiga.
Almeida <i>et al.</i> (2018)	Revista Administração Pública e Gestão Social	Identificou-se que o estresse ocupacional apresenta correlação negativa e estatisticamente significativa com a satisfação no trabalho, quanto maior o estresse ocupacional, menor a satisfação no trabalho e vice-versa.
Tabosa e Cordeiro (2018)	Revista de Carreiras e Pessoas	A maioria dos participantes da pesquisa apresentam um nível de estresse ocupacional elevado, com destaque para as funcionárias casadas, que são um número expressivo na organização abordada e mantêm níveis de estresse altos mesmo após o expediente de trabalho, estando, por conseguinte, mais propensas ao desenvolvimento de Síndrome de <i>Burnout</i> .
Ferreira <i>et al.</i> (2018)	Cadernos Ebape.BR	A percepção de injustiça é considerada a conexão para o entrelaçamento entre estresse ocupacional e retaliação. Essa

		relação parece oportuna porque tanto as pesquisas referentes ao estresse ocupacional como as pesquisas sobre a retaliação colocam a percepção de injustiça como fator relevante para ambos os temas, mas nenhuma das pesquisas disponíveis vislumbrou a articulação teórica desses fenômenos.
Ferreira, Azevedo e Rocha (2019)	Revista de Carreiras e Pessoas	Os principais resultados encontrados apontam que uma porcentagem considerável de respondentes se encontra em nível moderado de estresse ocupacional, o que demonstra a necessidade desenvolvimento de medidas preventivas e corretivas para esse quadro.
Zonato, Weber e Nascimento (2019)	Revista de Administração Contemporânea	Os resultados evidenciam que os níveis de participação orçamentária diferem entre os gestores, assim como seu desempenho. A participação e o desempenho estão negativamente associados à ambiguidade de papéis e ao estresse no trabalho. Os achados sugerem que maiores níveis de participação orçamentária contribuem para a redução da ambiguidade de papéis, dos níveis de estresse ocupacional e o alcance de melhor desempenho.
Lima <i>et al.</i> (2019)	Revista de Carreiras e Pessoas	Foram identificados os principais fatores estressores, com destaque para reclamações de clientes, condições físicas do ambiente de trabalho e atendimento presencial, que são presentes no contexto de trabalho mais exaustivo dos funcionários. Contatou-se que todos os funcionários respondentes da pesquisa apresentam algum tipo de sintoma relacionado ao estresse ocupacional.
Zille <i>et al.</i> (2020)	Revista Gestão e Tecnologia	Correlações significativas de média a grande intensidade, entre estresse ocupacional e fontes de tensão no trabalho, fontes de tensão do indivíduo, indicadores de impacto no trabalho e mecanismos de regulação.
Alcântara <i>et al.</i> (2020)	Pensamento e Realidade	Identificou-se que jovens que lidam com o estresse por meio de estratégias de controle dentro das organizações, e apesar de na sua maioria estarem em fase de resistência conseguem enxergar nessa oportunidade do estágio profissional como uma possibilidade de desenvolvimento e mudança de suas perspectivas de vida.

Fonte: elaborado pelos autores.

A partir da análise dos artigos destacados no Quadro 1, percebeu-se certa linearidade das discussões presentes nas publicações até o momento, uma vez que foi identificada uma tendência a discutir o estresse ocupacional à luz de um viés funcionalista. Dessa forma, poucas foram as variações nos principais resultados encontrados. Em tais publicações o estresse ocupacional foi analisado considerando, em especial, as fontes de pressão/insatisfação no trabalho, os sintomas de estresse e o impacto sobre o trabalho. Assim, alguns artigos têm como cerne da discussão políticas de valorização do trabalhador como a promoção de integração entre os trabalhadores, respeito, educação, a fim de que seus funcionários tenham uma melhor qualidade de vida, reduzindo doenças ocupacionais oriundas do estresse melhorando, conseqüentemente, seu desempenho e produtividade na organização (SILVA; SALLES, 2016; FERREIRA *et al.* 2016; ALMEIDA *et al.*, 2017; LIMA *et al.* 2019).

Alguns estudos ainda se debruçaram sobre o aumento das fontes de tensão no trabalho e diminuição na utilização dos mecanismos de regulação ou estratégias de *coping*, o que

ocasiona um considerável aumento das manifestações do estresse ocupacional, cujos sintomas prevalentes foram fadiga, dor nos músculos do pescoço e ombro e nervosismo (PEGO; ZILLE; SOARES, 2016; GOMES; ZILLE; LIMA, 2018). Nesse mesmo sentido Zille, Oliveira e Batista (2018) ressaltam que as “manifestações de estresse” podem causar um desequilíbrio entre as demandas psíquicas relacionadas ao trabalho e a estrutura psíquica na realização das atividades laborais. Em relação ao trabalho foram evidenciados aspectos como cansaço excessivo e a dificuldade de cumprir a carga horária estabelecida. Do ponto de vista físico, algumas ocorrências estão presentes, como as relacionadas à saúde, dor de cabeça por tensão, alterações da pressão arterial e baixa imunidade do organismo gerando espaço para o aparecimento de certas doenças oportunistas (ZILLE; OLIVEIRA; BATISTA, 2018).

Zonato, Weber e Nascimento (2019) observaram que os efeitos das capacidades psicológicas dos indivíduos podem fornecer um referencial explicativo para as condições em que os estressores tendem a afetar negativa ou positivamente as ações, comportamentos e o desempenho dos indivíduos no trabalho. Almeida *et al.* (2018), a fim de analisar as relações entre satisfação no trabalho e estresse ocupacional, fez uso de técnicas estatísticas bivariadas que permitiu identificar uma correlação negativa entre estresse ocupacional e a satisfação no trabalho, comprovando que quanto mais elevado o nível de estresse ocupacional menor tende a ser a satisfação no trabalho e vice-versa. Assim, Alcântara *et al.* (2020) salientam que os estudos sobre estresse ocupacional contribuem para que as organizações elaborem ações que visem prevenir os sintomas com maior ocorrência, trabalhar as atividades consideradas mais estressantes, buscar a melhoria do bem-estar e estudar as estratégias de enfrentamento a fim de atenuar seus efeitos.

Importante destacar que vários estudos trouxeram à baila indícios de possíveis discussões de gênero envolvendo a manifestação do estresse ocupacional, dado que as mulheres possuem maior propensão ao estresse em relação aos homens. Nesse sentido, aspectos relativos à vida pessoal e familiar do indivíduo emergem como importante variável para a intensificação do estresse e outras doenças ocupacionais à ele associadas (TABOSA; CORDEIRO, 2018; FERREIRA; ROCHA, 2019; ZILLE *et al.* 2020). Cabe aqui ressaltar que essa variabilidade do estresse ocupacional, considerando uma perspectiva de gênero, ainda necessita de maiores aprofundamentos, uma vez que tal achado emergiu de maneira adjacente a esses estudos, uma vez que nenhum deles debruçou-se inteiramente sobre o fenômeno.

Por fim, sob uma perspectiva metodológica diferente dos demais estudos, Ferreira *et al.* (2018) propõem, teoricamente, um modelo integrativo entre estresse ocupacional, percepção de justiça e atitudes retaliatórias. É desenvolvida uma importante discussão entre os pontos de convergência desses construtos e propõem uma agenda de pesquisas ampla que perpassa por diferentes abordagens metodológicas e possibilidades teóricas. Assim os autores privilegiam a investigação e os tipos de associação que melhor descreveriam possíveis interrelações entre os construtos relacionados ao estresse ocupacional, bem como aprofundamentos em outras questões como estratégias de enfrentamento e suas consequências na saúde e no comportamento produtivo dos indivíduos nas organizações, promovendo uma análise multinível (FERREIRA *et al.*, 2018).

Na sequência, no Quadro 2 é apresentado os artigos recuperados acerca do estresse ocupacional na base de dados SciELO no período considerado.

Quadro 2 - Estudos acerca do estresse ocupacional SciELO (2016 – 2021)

Autor (ano)	Periódico	Síntese dos resultados
Bezerra, Assis e	Ciência & Saúde Coletiva	Os principais fatores de risco e estressores estão relacionados à sobrecarga de trabalho, falta de recursos materiais e humanos,

Constantino (2016)		nível de contato com os presos, superlotação, percepções sobre medo ou perigo, paradoxo punir/reeducar, entre outros.
Ferreira <i>et al.</i> (2017)	Ciência & Saúde Coletiva	Os principais fatores de estresse estão associados a laços de cooperação no ambiente de trabalho frágeis ou inexistentes, aumento de agressões interpessoais e a diminuição na execução das atividades laborais, associado ainda à ocorrência de intimidações, assédio moral e sexual entre os próprios colegas de profissão.
Pelegri <i>et al.</i> (2018)	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacionais	Quanto ao estresse ocupacional, mais da metade dos policiais identificou seu trabalho como de baixa demanda, baixo controle e baixo apoio social. Observou-se correlação negativa entre as condições de trabalho e o estresse ocupacional.
Lopes e Silva (2018)	Ciência & Saúde Coletiva	A estrutura de trabalho foi classificada como inadequada por 42% dos indivíduos. Na análise ajustada, o estresse no trabalho mostrou-se associado à menor escolaridade, pior estrutura de trabalho e menor apoio social.
Costa <i>et al.</i> (2019)	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Foi identificado que a maioria dos respondentes apontou como agente estressor o excesso de horas trabalhadas, sobrecarga no trabalho, falta de recursos humanos e materiais.
Urbani, Jesus e Cozendey-Silva (2019)	Ciência & Saúde Coletiva	Foi possível identificar fontes estressoras relacionadas à atividade policial que vão desde as envolvidas diretamente no trabalho policial, como o risco de morte, a pressão e a responsabilidade que o trabalho abrange, até as ligadas à infraestrutura da corporação como a sobrecarga e o acúmulo de tarefas por insuficiência dos quadros de pessoal e a organização do trabalho.
Campos <i>et al.</i> (2020)	Cadernos Saúde Coletiva	Observaram-se diferenciais de gênero e raça/cor da pele na ocorrência de transtornos mentais comuns (TMC) e na associação com estressores ocupacionais, com prevalências mais elevadas entre as mulheres, principalmente as mulheres negras.
Garcia <i>et al.</i> (2020)	Trabalho, Educação & Saúde	Foi proposto que a mídia jornalística deve estimular ações que impulsionem o protagonismo dos trabalhadores, baseado na visibilidade das legislações vigentes, e aponte caminhos mais diretos para que os trabalhadores possam lutar pela garantia de direitos à saúde no combate ao estresse, com perspectiva crítica do entendimento sobre organização do trabalho e suas potencialidades na promoção da saúde.

Fonte: elaborado pelos autores.

Notavelmente, os artigos apresentados no Quadro 2 foram, em sua maioria, publicados em revistas da área de saúde coletiva, trazendo assim uma perspectiva um pouco diferente daqueles apresentados no Quadro 1, cuja concentração maior era de periódicos da área da administração. Nota-se que os principais resultados desses artigos residem na discussão de implicações do estresse ocupacional e doenças associadas na saúde do indivíduo. Alguns estudos centraram suas análises em trabalhadores da segurança pública, sendo eles agentes penitenciários, policiais civis e militares. Para essas categorias de trabalhadores, as fontes estressoras e fatores de risco estão diretamente relacionadas à natureza da atividade como, por exemplo, o risco de morte, o nível de contato com criminosos, a falta de infraestrutura, a falta

de recursos materiais e humanos, o acúmulo de tarefas e sobrecarga no trabalho (BEZERRA; ASSIS; CONSTANTINO, 2016; FERREIRA *et al.* 2017; PELEGRINI, 2018; URBANI; JESUS; COZENDEY-SILVA, 2019).

O estudo de Costa *et al.* (2019), relacionado aos profissionais de enfermagem, identificou que o excesso de horas trabalhadas e a sobrecarga de trabalho levam a limitação do tempo de estar com a família, impedindo de executar suas atividades sociais, interferindo na sua qualidade de vida, aliada a falta de recursos humanos e materiais no ambiente de trabalho, apontaram como agentes estressores desses profissionais. Para minorar os efeitos agravantes na saúde, foi proposta uma intervenção de ginástica laboral como agente redutor, tendo os exercícios de alongamento proporcionado atenuação do estresse ocupacional.

Já a pesquisa de Campos *et al.* (2020) avaliou a associação entre estressores ocupacionais e saúde mental, focalizando desigualdades de gênero e raça/cor da pele entre trabalhadores da saúde. O estudo apontou maior prevalência de transtornos mentais comuns (TMC) entre as mulheres negras, seguidas das não negras, homens negros e não negros, com tendência similar nos grupos de raça e gênero. Com relação ao estresse ocupacional, os resultados evidenciaram que os estressores do trabalho analisados – baixo controle sobre o próprio trabalho e alta demanda psicológica – se associaram positivamente entre as mulheres negras (alta exigência, trabalho passivo e trabalho ativo) e não negras (alta exigência e trabalho ativo), no pressuposto de que níveis elevados de demanda psicológica e baixo controle sobre o trabalho exercido configuram-se situação de risco ao adoecimento físico e mental. As altas prevalências encontradas mostraram a necessidade de estabelecer medidas no sentido de melhorar as condições de trabalho dos trabalhadores de maneira equânime com o intuito de reduzir.

Por último, destaca-se o papel que os meios de comunicação exercem sobre o estresse ocupacional. Garcia *et al.* (2020) realizaram um estudo que teve como objetivo compreender o estresse ocupacional noticiado na mídia jornalística impressa sob a ótica da organização do trabalho. Constataram que a mídia quase não tem funcionado como porta-voz dos trabalhadores a fim de cumprir seu papel social, sem estimulá-los como sujeitos sociais. Os Autores propuseram que a mídia jornalística deve estimular ações que impulsionem o protagonismo dos trabalhadores, baseado na visibilidade das legislações vigentes, e aponte caminhos mais diretos para que os trabalhadores possam lutar pela garantia de direitos à saúde no combate ao estresse, com perspectiva crítica do entendimento sobre organização do trabalho e suas potencialidades na promoção da saúde.

3 Estudos acerca do estresse no período da pandemia Covid-19

No âmbito da pandemia foram utilizadas estratégias globais na tentativa de reduzir a propagação da infecção por Covid-19, incluindo o recolhimento voluntário em casa, restrição à reunião de grupos de pessoas, adoção o regime de trabalho remoto em grande parte das empresas, cancelamento de eventos sociais e fechamento de sistemas de transporte de massa (USHER; BHULLAR; JACKSON, 2020). Tais medidas adotadas, geralmente utilizadas de forma preventiva durante grandes surtos de doenças infecciosas, todavia, podem gerar efeitos psicológicos negativos graves como ansiedade, humor deprimido e irritabilidade na população de forma geral (RODRIGUES *et al.*, 2020). Dessa forma, tais intervenções podem ser diretamente associadas ao aparecimento de doenças agudas e sintomas de estresse (GOULARTE *et al.*, 2020).

Estudos sobre o comportamento da saúde mental durante a pandemia demonstraram que houve prevalência de sintomas de estresse na população brasileira, tendo como principais desencadeadores o medo de infecção, frustração, tédio, a falta de suprimentos, perdas financeiras, entre outros fatores importantes como a solidão e o luto (DUARTE *et al.*, 2020;

GOULARTE, *et al.*, 2020). Aliado ao medo de morrer, a reestruturação da rotina doméstica regular e a perda dos meios de subsistência podem ter contribuído significativamente para o aumento do estresse desde o início da pandemia (MOREIRA; COSTA, 2020).

Conforme ressaltado no artigo de Saidel *et al.* (2020), a maior fragilidade dos profissionais de saúde quanto às repercussões sociais e emocionais no cenário pandêmico. Isso porque tais profissionais precisam lidar diariamente com seus sentimentos de impotência, frustração, estresse pela sobrecarga e condições de trabalho, inseguranças sobre a doença e seu tratamento, além do medo de se infectar e de transmitir o vírus para familiares e/ou pacientes. Não obstante, lidam ainda com as perdas de muitos doentes e de entes queridos no contexto instável característico de uma pandemia (SAIDEL *et al.*, 2020).

Na China, mais precisamente na província de Wuhan em Hubei, onde o surto começou, foram identificados entre os profissionais de saúde problemas psicológicos, incluindo ansiedade, depressão e estresse (YANG *et al.*, 2020). Ainda na China, estudos realizados em Singapura foram identificados como principais fatores capazes de causar estresse emocional, o medo e ritmo de disseminação da doença, falta de informação, cobertura pela mídia, afastamento social, abalo sobre a economia, falta de apoio e treinamento e a maior exposição ao vírus por parte dos profissionais de saúde (HO *et al.*, 2020).

Pesquisa realizada com a finalidade de verificar sintomas de sofrimento psíquico em estudantes do curso de Medicina, durante a pandemia da Covid-19, identificou que a prevalência de indivíduos com indícios de sofrimento psíquico foi de 62,8%. Os principais fatores de risco para o adoecimento mental identificados pelo estudo foram: ser do sexo feminino, estar nos dois primeiros anos do curso, relatar má adaptação ao ensino a distância, apresentar dificuldade de concentração, preocupar-se com o atraso da graduação, ter um diagnóstico prévio de transtorno mental, morar com alguém que precisa trabalhar fora de casa, ser incapaz de manter hábitos saudáveis e ter medo de ser infectado pelo vírus (TEIXEIRA *et al.*, 2021). Em pesquisa realizada na Alemanha foi observado que a maior carga de trabalho, implantação de novos protocolos de segurança, autocuidado reduzido, falta de informação, preocupação em infectar a família, confronto e raiva do governo foram os principais fatores apontados como causadores do estresse psicológico (PETZOLD; PLAG; STROHLE, 2020).

Outros estudos tiveram por foco de análise as decorrências da pandemia na saúde mental da população em geral, ou seja, não apenas entre os profissionais de saúde. Em estudo conduzido no País Basco (norte da Espanha) foram analisados os níveis de estresse, ansiedade e depressão da população desde o início da disseminação do vírus, com o foco na avaliação dos níveis de sintomas psicológicos segundo idade, comorbidades e confinamento (OZAMIZ-ETXEBARRIA *et al.*, 2020). Os resultados mostraram que, ainda que os níveis de sintomas tenham sido baixos no início do confinamento, os indivíduos mais jovens e com comorbidades relataram mais sintomas que o restante da população. Também foi detectado maior nível de sintomas desde o confinamento, quando a população foi proibida de sair de suas casas (OZAMIZ-ETXEBARRIA *et al.*, 2020). Em Pequim, outro estudo observou que falta de informação, o isolamento social e as incertezas quanto às questões epidemiológicas do vírus foram os fatores apontados como os principais capazes de causar estresse psicológico (LI *et al.*, 2020).

No Brasil, a principal medida imposta pelas autoridades públicas foi o isolamento social horizontal, estratégia que preconiza a restrição de atividades sociais em espaços públicos, bem como a permanência das pessoas em suas residências, independentemente da idade ou de pertencimento a grupos de riscos (WERNECK; CARVALHO, 2020). As medidas adotadas acarretaram uma mudança drástica na rotina diária dos indivíduos, com impacto nas áreas laboral, pessoal e social, desencadeando fatores importantes, como ansiedade, medo, estresse e pânico na população (SAIDEL *et al.*, 2020; LIMA, 2020).

Expressivas alterações psicológicas foram geradas com essa mudança de rotina, não só em aqueles com condições pré-existentes, mas também em indivíduos que nunca apresentaram quadros de acometimentos psicológicos anteriores (RAONY *et al.*, 2020). Além disso, com as modificações impostas pelo isolamento social, a população passou a utilizar com mais frequência e intensidade as mídias sociais e os meios de comunicação virtuais, o que gerou, juntamente com o crescimento de acessos, aumento na propagação de informações precipitadas ou equivocadas que contribuem para o agravamento das alterações psicológicas citadas (SANTOS; RODRIGUES, 2020). Outros possíveis motivos desencadeantes de estresse foram o desemprego, gerado pelas expressivas repercussões socioeconômicas da pandemia e a falta de acompanhamento e tratamento psicológico eficientes (DUARTE *et al.*, 2020).

O estudo realizado por Bezerra *et al.* (2020) teve por objetivo caracterizar o perfil da população brasileira em isolamento social e identificar preditores de estresse psicossocial. A pesquisa foi realizada no período de 10 a 12 de abril de 2020 e contou com a participação de 3.836 respondentes das cinco regiões do Brasil. Os resultados apontaram que 63,4% dos entrevistados consideraram que o sono foi modificado, 42,3% sentiram sintomas físicos sem motivo aparente durante o isolamento social e 58,6% afirmaram que tais sintomas dificultaram o desempenho em atividades diárias.

4 Considerações finais e direcionamentos para pesquisas futuras

As discussões realizadas neste estudo permitiram identificar que os fatores estressores incidentes sobre os trabalhadores no período da pandemia foram acentuados, mas, além disso, foi possível identificar outros tipos de desencadeadores na literatura quando se compara com os resultados de pesquisas realizadas antes do início da pandemia. Para profissionais da chamada “linha de frente”, ou seja, que atuam em atividades que envolvem contato com pessoas contaminadas, ou mesmo atividades de atendimento presencial ao público de forma geral, como trabalhadores da área da saúde, policiais, prestadores de serviços em estabelecimentos considerados essenciais como farmácias e supermercados, entre outros, tiveram maior exposição a fatores estressores. Entre tais fatores foram citados o risco de contrair o vírus durante as atividades profissionais, medo de disseminar o vírus para a família e pacientes, medo de morrer, falta de suprimentos para prevenção da doença, cansaço em função da sobrecarga de trabalho, falta de apoio psicológico e treinamento adequado, além de sentimentos de impotência e inseguranças sobre a doença e seu tratamento. Não obstante, lidam ainda com as perdas de muitos doentes e com o nervosismo e cansaço evidente dos colegas de trabalho.

Já os trabalhadores que foram direcionados para o regime remoto, ou seja, que passaram a desempenhar as atividades laborais em suas respectivas residências, relataram dificuldades de reestruturação da rotina doméstica regular e conciliação com a rotina de trabalho, surgimento de desentendimentos com familiares decorrentes da necessidade de maior tempo de convivência no mesmo ambiente, inadequação de infraestrutura necessária para desempenhar as atividades do trabalho (como *internet*, computador, celular e demais acessórios necessários), falta de convivência e socialização com a equipe de trabalho, entre outros.

Outros fatores estressores relatados por profissionais de áreas diversas são relacionados à retração econômica e às mudanças no contexto sociocultural. Entre eles estão a necessidade de realizar horas extras de trabalho, bem como sobreposição de tarefas tendo em vista a redução do quadro de funcionários das empresas; redução salarial, desemprego e perda dos meios de subsistência do núcleo familiar; informações sobre o abalo da economia mundial, regional e local, falta de informação confiável sobre a doença e sobre as formas de tratamento; cobertura pela mídia de forma incompleta e invésada, além de *fake news* divulgadas em mídias sociais e outros veículos de informação; sentimentos como solidão decorrente da falta de convivência com familiares e amigos, além de frustração, tédio e luto.

Tais resultados, obtidos a partir desta revisão narrativa da literatura sobre estresse ocupacional, tornam possível afirmar que o campo de pesquisa sobre o tema pode ser considerado vasto e fértil para estudiosos da área de estudos organizacionais e gestão de pessoas, especialmente após as mudanças decorrentes nos diversos contextos de trabalho, setores e tipos de empresas em todo o mundo. Dessa forma, é possível afirmar que os modelos teóricos de estresse precisam ser repensados e atualizados em função do contexto da pandemia, tendo em vista que uma série de variáveis que não eram consideradas agora são visualizadas de forma acentuada.

Soma-se a isso as oportunidades de compreender as características dos sintomas e consequências do estresse para diferentes subgrupos de trabalhadores, sejam eles delimitados por aspectos como campo profissional, nível gerencial, gênero, idade, escolaridade, renda familiar, além de características da vida pessoal, como pessoas casadas ou solteiras, ou aquelas com ou sem filhos. A análise de tais aspectos pode esclarecer quais condições podem estar mais ou menos associadas ao desencadeamento do estresse ocupacional, especialmente no contexto da pandemia do Covid-19.

Cabe ressaltar ainda que esta revisão da literatura apresenta limitações. Entre elas, a escolha por utilizar as bases de dados SPELL, SCIELO e SCOPUS. Outras pesquisas podem utilizar outras bases de dados, como por exemplo o Google Acadêmico. Adicionalmente, pode ser feito um recorte sobre pesquisas publicadas em periódicos de alto impacto nacionais e internacionais. Tais aspectos salientados podem estar associados ao tipo de revisão utilizada, a narrativa. Dessa forma, pesquisas futuras podem realizar revisões sistemáticas da literatura nacional e internacional, de maneira a apresentar de forma quantitativa os aspectos teóricos e metodológicos utilizados, bem como os resultados alcançados, e assim permitirem maior possibilidade de generalização dos resultados.

Referências

ALCÂNTARA, M. N. *et al.* Características do estresse ocupacional em estagiários do curso de administração do estado do Ceará. **Pensamento & Realidade**, v. 35, n. 2, p. 105-120, 2020.

ALMEIDA, D. M. *et al.* Análise de Cenários Envolvendo Satisfação no Trabalho e Estresse Ocupacional Através da Dinâmica de Sistemas. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategies**, v. 9, n. 1, p. 78-94, 2017.

ALMEIDA, D. M. *et al.* Policiais militares do estado do rs: relação entre satisfação no trabalho e estresse ocupacional. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 10, n. 1, 2018.

ANDRADE, C. R.; GUIMARÃES, L. V. M.; ASSIS, L. B. Análise crítica das pesquisas em estresse ocupacional da Anpad: afinal, cadê o sujeito? In: EnANPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

BEZERRA, C. M.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.. Sofrimento psíquico e estresse no trabalho de agentes penitenciários: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 2135-2146, 2016.

BIEHL, K. A. *et al.* Burnout-Estudo sobre estresse crônico em profissionais da Psicologia. **YACHAQ**, v. 4, n. 1, p. ág. 51-76, 2021.

BRAUN, C.; FOREYT, J. P.; JOHNSTON, C. A. Stress: a core lifestyle issue. **American Journal of Lifestyle Medicine**, Texas, v. 10, n. 4, p. 235-238, Jul./Aug. 2016.

BROOKS, B. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 2020.

CAMPOS, F. M. *et al.* Estresse ocupacional e saúde mental no trabalho em saúde: desigualdades de gênero e raça. **Cadernos Saúde Coletiva**, n. AHEAD, 2020.

CARVALHO, D. B.; ARAÚJO, T. M.; BERNARDES, K. O. Common mental disorders in primary health care workers. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 41, 2016.

CHEN, P.; SPARROW, P.; COOPER, C. The relationship between person organization fit and job satisfaction. **Journal of Managerial Psychology**, v. 31, n. 5, p. 946-959, 2016.

COOPER, C. L. A. A natureza mutante do trabalho: o novo contrato psicológico e os estressores associados. In: ROSSI, A. M.; PERREWÉ, P. L.; SAUTER, S. L. **Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional**. São Paulo: Atlas, 2008.

COSTA, M. V. C. *et al.* Exercícios de alongamento na percepção de estresse em profissionais de enfermagem: estudo clínico randomizado. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 357-366, 2019.

COUTO, H. A.; VIEIRA, F. L. H.; LIMA, E. G. Estresse ocupacional e hipertensão arterial sistêmica. **Revista Brasileira de Hipertensão**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.112-115, abr./jun. 2007.

COUTO, H. A. **Ergonomia do corpo e do cérebro no trabalho: os princípios e aplicações**. Belo Horizonte: Ergo, 2014.

COUTO, H. A.; COUTO, D. C. **Ergonomia 4.0: dos conceitos básicos à 4ª revolução industrial**. Belo Horizonte: Ergo, 2020.

DOLAN, S. **Estresse, auto-estima, saúde e trabalho**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

DUARTE, M. Q. *et al.* COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3401-3411, 2020.

FERREIRA, C. A. A. *et al.* O Contexto do Estresse Ocupacional dos Trabalhadores da Saúde: estudo bibliométrico. **Revista de Gestão em Sistemas de Saúde**, v. 5, n. 2, p. 84-99, 2016.

FERREIRA, M. J. M. *et al.* Prevalência e fatores associados à violência no ambiente de trabalho em agentes de segurança penitenciária do sexo feminino no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2989-3002, 2017.

FERREIRA, J. M. P. *et al.* Estresse, retaliação e percepção de injustiça nas organizações: proposição de modelo teórico integrativo. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 16, n. 4, p. 774-787, 2018.

- FERREIRA, J. M. P.; AZEVEDO, A. R. I.; ROCHA, M. S. Análise do estresse ocupacional em funcionários de um hospital universitário. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)** | ISSN-e: 2237-1427, v. 9, n. 3, 2019.
- GANSTER, D. C.; ROSEN, C. C. Work stress and employee health: A multidisciplinary review. **Journal of management**, v. 39, n. 5, p. 1085-1122, 2013.
- GARCIA, A. L. *et al.* Estresse ocupacional na mídia impressa: uma perspectiva de Christophe Dejours. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 1, 2020.
- GOMES, M.; ZILLE, L.; LIMA, P. F. A. Estresse ocupacional: estudo em um hospital filantrópico no estado de Minas Gerais. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 18, n. 3, p. 204-225, 2018.
- GOULARTE, J. F. *et al.* COVID-19 and mental health in Brazil: Psychiatric symptoms in the general population. **Journal of psychiatric research**, v. 132, p. 32-37, 2021.
- HO, C. S. *et al.* Mental health strategies to combat the psychological impact of COVID-19 beyond paranoia and panic. **Ann Acad Med Singapore**, v. 49, n. 1, p. 1-3, 2020.
- HOCHBERG, M. S. *et al.* The stress of residency: recognizing the signs of depression and suicide in you and your fellow residents. **Am J Surg**, [S.I.], v. 205, n. 2, p.141- 146, 2014.
- HOELLE, R. M. *et al.* Emergency medicine residency programs: the changing face of graduate medical education. **International Journal of Medical Education**, [S.I.], v. 9, n. 1, p. 9-10, 2018.
- KARASEK K. The Job Content Questionnaire (JCQ): an instrument for internationally comparative assessments of psychosocial job characteristics. **Journal of occupational health psychology**, v. 3, n. 4, p. 322, 1998.
- LESCURE, J. *et al.* Clinical and virological data of the first cases of COVID-19 in Europe: a case series. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 20, n. 6, p. 697-706, 2020.
- LI, S. *et al.* The impact of COVID-19 epidemic declaration on psychological consequences: a study on active Weibo users. **International journal of environmental research and public health**, v. 17, n. 6, p. 2032, 2020.
- LI, Z. *et al.* Vicarious traumatization in the general public, members, and non-members of medical teams aiding in COVID-19 control. **Brain, behavior, and immunity**, v. 88, p. 916-919, 2020.
- LIMA, A. W. *et al.* Estressores e sintomas do estresse ocupacional em profissionais bancários: um estudo em uma agência bancária pública. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**, v. 9, n. 2, 2019.
- LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, p. e300214, 2020.
- LIMONGI-FRANÇA, A. C.; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho: uma abordagem**

psicossomática. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 189 p.

LIPP, M. E. N. O modelo quadrifásico do stress. In: **Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 17-21.

LIPP, M. E. N. **O stress no Brasil: pesquisas avançadas**. São Paulo: Papirus, 2004.

LIPP, M. E. N. **Stress e o turbilhão da raiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 196 p.

LOPES, S. V.; SILVA, M. C. Estresse ocupacional e fatores associados em servidores públicos de uma universidade federal do sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 3869-3880, 2018.

LUZ, T. *et al.* Repercussões da Covid-19 na saúde mental dos trabalhadores de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 10, 2020.

MASLACH, C. Comprendiendo el burnout. **Ciencia y trabajo**, v. 11, n. 32, p. 37-43, 2009.

MOREIRA, D. N.; COSTA, M. P. The impact of the Covid-19 pandemic in the precipitation of intimate partner violence. **International journal of law and psychiatry**, v. 71, p. 101606, 2020.

OZAMIZ-ETXEBARRIA, N. *et al.* Stress, anxiety, and depression levels in the initial stage of the COVID-19 outbreak in a population sample in the northern Spain. **Cadernos de saude publica**, v. 36, p. e00054020, 2020.

PAIVA, K. C. M.; GOMES, M. A. N.; HELAL, D. H. Estresse ocupacional e síndrome de burnout: proposição de um modelo integrativo e perspectivas de pesquisa junto a docentes do ensino superior. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 16, n. 3, 2015.

PAIVA, K. C. M. **Gestão de recursos humanos: teorias e reflexões**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2019.

PAVANI, P. *et al.* Covid-19 and the impacts on mental health: a narrative literature review pstudy. **Covid-19 and the impacts on mental health: a narrative literature review study**, 2020.

PEGO, Z. O.; ZILLE, L. P.; SOARES, M. G. O estresse ocupacional de servidoras técnico-administrativas. **Revista Alcance**, v. 23, n. 2, 2016.

PELEGRINI, A. *et al.* Percepção das condições de trabalho e estresse ocupacional em policiais civis e militares de unidades de operações especiais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 2, p. 423-430, 2018.

PETZOLD, M. B.; PLAG, J.; STRÖHLE, A. Dealing with psychological distress by healthcare professionals during the COVID-19 pandemia. **Der Nervenarzt**, 2020.

QIU, J. *et al.* Uma pesquisa nacional de sofrimento psicológico entre os chineses na epidemia de COVID-19: implicações e recomendações de políticas. **Psiquiatria geral**, v. 33, n. 2, 2020.

QUICK, J. C., HENDERSON, D. F. Occupational stress: preventing suffering, enhancing wellbeing. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 13, n. 5, p. 459, 2016.

RAONY, I. *et al.* Psycho-neuroendocrine-immune interactions in COVID-19: potential impacts on mental health. **Frontiers in Immunology**, v. 11, p. 1170, 2020.

RODRIGUES, B. B. *et al.* Aprendendo com o Imprevisível: Saúde mental dos universitários e Educação Médica na pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, 2020.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, 2007.

RUIZ, F. J. *et al.* The hierarchical factor structure of the Spanish version of Depression Anxiety and Stress Scale-21. **International Journal of Psychology and Psychological Therapy**, v. 17, n. 1, p. 97-105, 2017.

SADIR, M. A.; LIPP, M. E. N. As fontes de stress no trabalho. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 1, n. 1, p. 114-126, 2009.

SAIDEL, M. G. B. *et al.* Intervenções em saúde mental para profissionais de saúde frente a pandemia de Coronavírus. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 28, p. 49923, 2020.

SANGAL, R. B. *et al.* Work team identification associated with less stress and burnout among front-line emergency department staff amid the COVID-19 pandemic. **BMJ Leader**, p. leader, v. 5, p. 51-54, 2021.

SANTOS, M. F.; RODRIGUES, J. F. S. COVID-19 e repercussões psicológicas durante a quarentena e o isolamento social: uma revisão integrativa. **Nursing (São Paulo)**, p. 4095-4100, 2020.

SILVA, L. C.; SALLES, T. L. F. O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)| ISSN-e: 2237-1427**, v. 6, n. 2, 2016.

SIMONELLI, L. **Estresse ocupacional e alternativas de intervenção: um estudobibliométrico**. *Research, Society and Development*, v 9(3), p.1-12, 2020.

TABOSA, M. P. O.; CORDEIRO, A. T. Estresse Ocupacional: análise do ambiente laboral de uma cooperativa de médicos de Pernambuco. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**, v. 8, n. 2, 2018.

TAMAYO, A. Impactos dos valores da organização sobre o estresse ocupacional. **RAC Eletrônica**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 20-33, 2007.

TEIXEIRA, L. A. C. *et al.* Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 1, p. 21-29, 2021.

TRAVERS, C. J., COOPER, C. L. **Teachers under pressure**. London: Routledge, 1996.

URBANI, G.; JESUS, L. F.; COZENDEY-SILVA, E. N. Síndrome da disfunção da articulação temporomandibular e o estresse presente no trabalho policial: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1753-1765, 2019.

USHER, K.; BHULLAR, N.; JACKSON, D. Life in the pandemic: social isolation and mental health. **Journal of Clinical Nursing, Oxford**, v. 25, n. 15-16, p. 2756-2757, 2020.

VAN WINGERDEN, J. The effectiveness of online stress management training interventions: a systematic literature review. **International Journal of Learning and Development**, v. 8, n. 3, p. 57-86, 2018.

VIEIRA, I.; RUSSO, J. A. Burnout e estresse: entre medicalização e psicologização. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, p. e290206, 2019.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. 2020.

WONG, A. K. F. *et al.* How the COVID-19 pandemic affected hotel employee stress: Employee perceptions of occupational stressors and their consequences. **International Journal of Hospitality Management**, v. 93, p. 102798, 2021.

YANG, Y. *et al.* Mental health services for older adults in China during the COVID-19 outbreak. **The Lancet Psychiatry**, v. 7, n. 4, pág. E 19, 2020.

YU, J.; PARK, J.; HYUN, S. S. Impacts of the COVID-19 pandemic on employees' work stress, well-being, mental health, organizational citizenship behavior, and employee-customer identification. **Journal of Hospitality Marketing & Management**, p. 1-20, 2021.

ZANELLI, J. C. (Org.). **Estresse nas organizações de trabalho: compreensão e intervenção baseada em evidências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZILLE, L. P.; OLIVEIRA, L. A.; BATISTA, N. K.. Estresse ocupacional: estudo com gestores técnicos do serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU) do estado de Minas Gerais. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 10, 2018.

ZILLE, L. P. *et al.* Occupational Stress in Professionals from a Large University Hospital in Brazil. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 20, n. 2, p. 168-190, 2020.

ZONATTO, V. C. S.; WEBER, A.; NASCIMENTO, J. C. Efeitos da participação orçamentária na assimetria informacional, estresse ocupacional e desempenho gerencial. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, n. 1, p. 67-91, 2019.